

**Página Inicial**

Agenda de Eventos

Especial - Acordo Ortográfico

Artigos e Ensaios

Artigos de IC

Blog

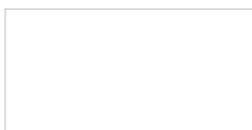
Resenhas

Textos Literários

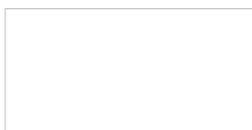
Edições Anteriores



**Veja também**



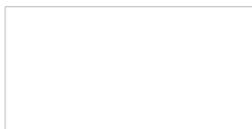
Biblioteca Digital Mundial



Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti



Ceditec



Comunidade dos Países  
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos

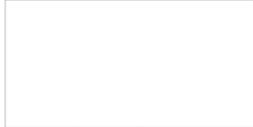
## "AMÉRICAN GARDEN": OS DEVIRES SINCRÉTICOS DO INGLÊS MUNDIAL

Maria Inês Pagliarini Cox (MeEL/UFMT)

Na minha pasta de notinhas avulsas e casos exemplares ou curiosos de fenômenos lingüísticos observados no cotidiano, localizei um papelzinho, recortado com a ponta dos dedos, com a seguinte inscrição "American Garden". Esse é o nome de um edifício localizado no bairro onde moro, na cidade de Cuiabá, no Centro-oeste do Brasil. Na ocasião em que o anotei, lembro-me bem, a comunidade de lingüistas brasileiros estava alvoroçada diante de um projeto de lei (Projeto no. 1676/1999), apresentado pelo deputado Aldo Rebelo, dispondo sobre "a promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa". O Art. 4º. da Lei dispunha: "Todo e qualquer uso de palavras ou expressões em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei". Com o projeto, o deputado pretendia frear o suposto movimento de desnacionalização do português, salvaguardando a soberania lingüística e nacional.

Ao justificar o projeto, Aldo Rebelo, não fugindo ao ideário da esquerda romântica, recorria ao argumento essencialista que vincula língua a identidade nacional. E, mais, afirmava que a "nossa identidade nacional reside justamente no fato de termos um imenso território com uma só língua", compreendida por todos os brasileiros, de qualquer parte do país e com qualquer grau de escolaridade. O milagre do monolingüismo e, portanto, da identidade e unidade nacional homogênea, estava, segundo o deputado, seriamente ameaçado pela "invasão indiscriminada", "voraz", "rápida" e "desnecessária" de estrangeirismos que poderiam truncar "a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam nosso cotidiano", nas esferas da produção, consumo e publicidade de bens e serviços, da informática, dos meios de comunicação de massa, da economia e das finanças. Embora o projeto, de início, se referisse à "língua estrangeira" de um modo geral, no trecho imediatamente acima, o "inglês norte-americano" é mencionado de forma explícita. Também os exemplos usados para mostrar o uso indiscriminado da língua estrangeira são todos do inglês. Por isso, não é possível deixar de associar a motivação do projeto com a posição ideológica anti-imperialista que alimenta a esquerda brasileira, aliás, a esquerda de qualquer parte do mundo. Enfim, é mais um gesto altruísta na luta contra o chamado neoliberalismo, a ideologia que hoje sustenta o capitalismo globalizado, vista numa relação de simbiose com o EUA, esse invariavelmente demonizado. Não há como ignorar que a globalização, como afirma Ortiz (2006:17), "declina-se preferencialmente em inglês". Conforme Garcez e Zilles (2001, p. 25), "O apelo da máquina capitalista globalizante é forte demais para que a mídia da informação, do entretenimento e, principalmente, da publicidade possa ou queira deixar de explorar as associações semióticas entre a língua inglesa e o enorme repositório de recursos simbólicos e sociais por ela mediados".

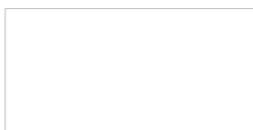
Contudo, uma multidão de vozes, as mais diversas, rechaçava veemente e publicamente o projeto 1676/1999, acusando-o de "anacrônico", "xenófobo", "fascista", "autoritário", "canhestro", "improcedente", "inócua", dentre outros predicados nada amistosos. Pela primeira vez na história da lingüística brasileira, um tema agitava os



Domínio Público



GEScom



GETerm



iLteC



Institut Ferdinand de Saussure



Portal de Periódicos Capes



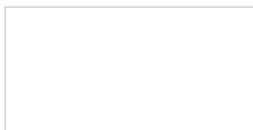
Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

cientistas da linguagem e os fazia falar em praça pública, mais e melhor dizendo, os fazia debater na mídia, para se posicionarem contrariamente à tese de que os estrangeirismos descaracterizam a língua portuguesa e ameaçam a integridade de nosso patrimônio cultural. Todos os lingüistas, unanimemente, reafirmavam que “a língua simplesmente muda... nem para o bem e nem para o mal. Muda para atender às necessidades das mulheres, dos homens e das crianças que a falam” (Faraco, 2001, p. 08). Ao mudar, uma língua não fica nem melhor e nem pior do que era, fica apenas mais funcional para um dado contexto sócio-histórico-cultural. O assunto rendeu muita saliva e muita tinta, pois os cientistas atribuíram-se o papel de iluminar os equívocos e as impropriedades do projeto publicamente. A Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN), na reunião anual de 2000, organizou um simpósio sobre o tema que resultou na produção de um documento, encaminhado, por decisão da assembléia dos sócios da entidade, ao deputado e ao Congresso Nacional. Ainda em 2000, a Associação de Lingüística Aplicada do Brasil (ALAB) dedicou um de seus boletins (ano 4, no. 4) à questão dos estrangeirismos, também enviado ao parlamentar. E em 2001, Carlos Alberto Faraco organizou o livro “Estrangeirismos: guerra em torno da língua”, incluindo artigos de diversos lingüistas, unisonamente contrários à posição sustentada por Aldo Rebelo. Essa lista está longe de exaurir tudo o que se fez para demover o deputado do propósito de legislar sobre o não legislável – o movimento imprevisível de uma língua viva.

Paradoxalmente, esse projeto embasa-se numa ideologia purista, conservadora e aristocrática a respeito da língua, que não combina de forma alguma com o perfil progressista de deputado devotado às classes populares e defensor do “homem simples do campo”. Quem se põe de guardião de uma língua caminha na contramão da natureza e da realidade dessa língua, a menos que ela seja uma língua morta. Como afirma Yaguello (2001, p. 281), a atitude purista é irracional e irrealista: *irracional* porque nega que as línguas mudam e variam incessantemente e *irrealista* porque ignora que instrumentos legais são inócuos para deter as tendências e as mudanças linguísticas. Uma língua só pára de variar e mudar quando deixa de ser falada. Legislação alguma, na conjuntura atual, será capaz de deter a avalanche de termos do inglês que atinge o léxico do português e, certamente, de outras línguas. Aliás, o léxico de qualquer língua é, direta ou indiretamente, um verdadeiro caldeirão de empréstimos linguísticos. Não existe léxico puro. O léxico do português brasileiro, por exemplo, é uma mistura de termos originários do grego, do latim, do árabe, de línguas indígenas, de línguas africanas, do francês, do inglês, do italiano, do japonês e de um sem número de línguas que não daríamos conta de aqui enumerar. Empréstimos lexicais não afetam as gramáticas das línguas, pelo contrário, eles é que são afetados/nativizados pelas gramáticas. Por exemplo, termos que nomeiam ações relativas à informática como: *to click*, *to print*, *to delete*, *to start* etc., rapidamente foram deglutidos pela gramática do português, tornado-se *clicar*, *printar*, *deletar* e *estartar*, de acordo com processos ainda produtivos na morfologia verbal e com a estrutura fonológica do português. Assim, enquanto a esquerda nacionalista via o “estrago” que o inglês, supostamente, fazia no português, me chamava a atenção o “estrago” que o português estaria fazendo no inglês. Retome-se o nome do edifício “American Garden”. Diante dele, críticos do imperialismo certamente se indignariam, mas eu me divertia observando o português vazar em/sujar o inglês. O que isso significa? Significa que o inglês é uma língua com um léxico predominantemente proparoxítono e que não usa acentos gráficos para marcar as sílabas tônicas, previsíveis pela estrutura fonotática das palavras. Já o português é uma língua com um léxico predominantemente paroxítono e que usa acentos gráficos para marcar as sílabas tônicas quando a palavra foge ao padrão de tonicidade, considerada a sua terminação. Por exemplo, no português, palavras terminadas em <a>, <e> e <o>, seguidas ou não de <s>, são comumente paroxítonas, por isso as oxítonas assim terminadas devem ser acentuadas graficamente. As proparoxítonas são sempre consideradas esdrúxulas, daí serem sempre acentuadas. Assim, ao acentuar a palavra “American” (uma palavra proparoxítona), quem escreveu a placa que nomeia o edifício, o fez segundo as convenções ortográficas do português. Eu diria que estamos diante de um signo mestiço, um signo do inglês tingido de português, um signo em que características do sistema de escrita do português e do inglês ressoam conjuntamente, um signo sincrético.

. Um outro exemplo, segundo Cox e Assis-Peterson (2006), de como o inglês vem sendo atravessado pelo português em seus usos na sociedade brasileira é o caso genitivo. Na gramática do inglês, o genitivo exprime relação de posse, materializando-se através das formas <'s> ou <'>, sufixadas ao nome do possuidor que figura sempre antes da coisa possuída: usa-se <'s>, quando o nome do possuidor não termina com <s>, como em "John's house" e <'>, quando o nome do possuidor ou possuidores termina com <s>, como em "Dennis' farm" e "students' book". Podemos dizer que o genitivo, como signo associado à língua inglesa, exerce um enorme fascínio entre falantes de português brasileiro. No domínio das atividades comerciais, há uma verdadeira febre de uso do genitivo na nomeação de estabelecimentos os mais diversos. Contudo, raras vezes, a forma <'s> exprime relação de posse. Vezes há em que ela é interpretada como sinônimo de <de>, mesmo que esse <de> não exprima posse como em "Picanha's house". Outras vezes ela até exprime posse, mas em sintagmas nominais modelados conforme a gramática do português, como em "Studio model's" (e não "model's studio"), ou "Paulo motor's" (e não "Paulo's motor"). Porém, na maioria dos usos, a forma <'s> é apenas um marca gráfica destituída da função morfossintática de indicar posse, é um significante sem significado, como em "Terraçu's", "Tulipa's Buffet", "Cabelereiro Marco's", "Statu's Cabelereiros", "Salão Aquariu's", "Salão de Beleza Blond's" etc.

Muitos autores têm se pronunciado sobre a presença ubíqua do inglês no mundo, assumindo posições francamente anti-imperialistas, como a assumida por Aldo Rebelo no projeto de lei no. 1676/1999. Nem imperialista e nem anti-imperialista, Ortiz (2006) abre uma terceira via de interpretação da onipresença do inglês. Porém, antes de expor a posição de Ortiz, parece-me necessário apresentar a sua distinção conceitual entre "globalização" e "mundialização", uma vez que o que se passa com o inglês hoje é, a seu ver, um fenômeno de mundialização. Reserva o termo globalização para designar processos econômicos e tecnológicos que ocorrem em escala planetária. "Há apenas uma economia global, o capitalismo, e um único sistema técnico (computador, Internet, satélites etc.)", diz o autor (p.39). Para ele, o termo global encerra o sentido de unicidade, o que o torna inadequado para designar o que ocorre na esfera da cultura. Assim, julga mais apropriado falar em mundialização da cultura que não implica unicidade. A mundialização "se exprime em dois níveis: a) está articulada às transformações econômicas e tecnológicas da globalização, a modernidade-mundo é a sua base material; b) é o espaço de diferentes concepções de mundo, no qual formas diversas e conflitivas de entendimento convivem". (p.39 e 40)

Partindo dessa distinção, Ortiz opta por dizer que o inglês é uma língua "mundial" e não "global". "Sua mundialidade se dá no interior de um universo transglóssico habitado por outros idiomas". (p.40). Discorda igualmente da designação "inglês internacional", uma vez que o termo "internacional" pressupõe o funcionamento independente dos Estados-nação, o que não corresponde ao real da globalização. "Dizer que o inglês é uma língua internacional significa considerá-lo na sua integridade, circulando entre as nações". (p. 26). É também com base nesse mesmo argumento que o autor tece sua crítica às leituras anti-imperialistas da atual posição planetária do inglês.

Vincular diretamente a hegemonia do inglês em relação às demais línguas faladas na contemporaneidade à condição de potência econômica dos Estados Unidos é uma explicação anacrônica que se recusa a ver o que se passa com os Estados-nação nos tempos da globalização. A idéia de que os EUA é o centro de um poder, repartido proporcionalmente com as demais potências industrializados, mas sempre imposto aos países periféricos economicamente subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, não leva em conta que "as nações deixam de ser unidades autônomas, independentes, interagindo entre si, para serem territórios atravessados pelo fluxo da modernidade-mundo". (p.26). A noção de fluxo desautoriza polarizações xenófobas, tão caras aos intelectuais da esquerda, como: estrangeiro/nacional, interno/externo, centro/periferia etc. Os imperialismos se desequilibraram e agonizam diante da nova ordem mundial, mas essa é uma mudança difícil de ser admitida, digerida, compreendida por meio de grades semânticas outras que não a do discurso da esquerda.

A primazia do inglês hoje até pode ter sua origem vinculada ao imperialismo

americano, mas esse fato torna-se secundário. Mundializado, ele se desprende de suas raízes e ganha existência própria como idioma desterritorializado, apto a ser camaleonicamente apropriado, re-significado, re-entoadado por falantes de diferentes línguas maternas nas interações entabuladas nos fluxos comunicacionais imprevisíveis da modernidade-mundo. Ao tornar-se mundial a língua inglesa,

[...] libera-se de seu enraizamento anterior instituindo um artefato a ser legitimamente “deformado” pelos falantes de uma mesma galáxia. Na situação de globalização desconhecer o inglês significa ser analfabeto na modernidade-mundo, no entanto, como a existência de um padrão lingüístico é uma quimera ideológica, qualquer indivíduo, independentemente de sua origem, tem a oportunidade e o direito de manipulá-lo, “deturpá-lo”. A diversidade dos sotaques é o preço pago por sua hiper-centralidade. (Ortiz, 2006, p. 29)

Ao ponto de vista de Ortiz, pode-se juntar aquele de Rajagopalan (2007, p. 03) acerca do que ele vem denominando de *World English*, “cuja principal característica é não ter donos, não ter os famigerados ‘falantes nativos’. Ele pertence a todos aqueles que o usam para alguma finalidade em seu dia-a-dia”. É o desejo de comunicação que o engendra. Conforme Rajagopalan (2009),

[...] o *World English* acontece, por exemplo, toda vez que um pecuarista mato-grossense telefona para alguém na longínqua China. Ambos desejam realizar uma transação comercial e não deixarão nada atrapalhar seu esforço cooperativo de compreensão recíproca. O bonito disso é que eles são bem sucedidos em seu intento, como milhões de pessoas ao redor do mundo. Eles interagem por meio do *World English*, uma língua que vai sendo modelada à medida que vai sendo falada. Não há regras fixadas antes do jogo; as regras, se elas existem, são negociadas com o jogo em desenvolvimento. Isso não faz dele menos do que uma língua, embora reflita a produção de língua, ou seja, a produção de uma língua enquanto ela está sendo modelada. [...] Se alguém quiser ver por conta própria o *World English* em funcionamento, basta despender um pouco de seu tempo num grande aeroporto internacional como o Heathrow em Londres ou o Sheremetyevo 2 em Moscou. Pessoas de diferentes nacionalidades e etnias interagem com a ajuda de uma língua que soa muito semelhante ao inglês, mas que é algo diferente. É o *World English*. Sem dúvida, muitos o ridicularizam com desdém. ‘Ele acontece durante todo o tempo’, diz uma reportagem publicada no jornal *International Herald Tribune* no dia 22 de abril de 2005, ‘durante a espera num aeroporto, o homem da esquerda, provavelmente um coreano, começa a conversar com o homem do lado oposto, que parece ser um colombiano, e logo se nota que estão conversando numa língua que parece inglês. Mas um falante nativo de inglês sentado entre eles não é capaz de entender uma palavra. Isso é precisamente o *World English*, uma nova língua, ou, no mínimo, um fenômeno lingüístico em que ninguém tem *status* privilegiado. Ele pertence a quem o fala, qualquer que seja a forma como o fala. Somente os mais incorrigíveis puristas torcerão o nariz para ele ou, como é mais frequentemente o caso, farão o papel de avestruz diante de sua presença crescente no mundo todo”. (Rajagopalan, 2009, p. 192 e 193).

Ninguém duvida que o *World English* tem como ancestral distante o “British English”, levado para a América pelos colonizadores ingleses, assim como ninguém duvida que o que preparou o terreno para o devir do *World English*, como língua da comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas, foi o “*American English*”, desejado e estudado por todos aqueles seduzidos pelo poder político, militar, tecnológico, econômico e cultural dos EUA. A hegemonia americana difundiu, sim, o inglês pelo mundo, mas a globalização fez dele uma língua mundial, uma língua cada vez mais estrangeira para os falantes nativos e cada vez mais familiar para os falantes não nativos, como ilustra o caso acima relatado.

O *World English* é uma língua fluida, certamente retrátil a padronizações ou sistematizações gramaticais que possam valer como leis pré-fixadas para regular seu uso. Ele é sempre inquieto e plurivocal, só existe enquanto está sendo enunciado por um falante não nativo em interação com outros falantes também não nativos, num fluxo comunicativo antropofágico que, a despeito de ingurgitar um inglês castiço ou padrão, regurgita uma

mistura mal digerida de resíduos linguísticos. Essa mistura heterogênea causa náusea aos puristas britanófilos ou americanófilos que se sentem impelidos a descontaminar o inglês da presença nefasta da língua materna outra, restituindo-lhe a autenticidade. Apoietas do modelo do falante nativo, por exemplo, se sentiriam inclinados a corrigir a palavra <Américan> do sintagma <Américan Garden>. Restituída à forma original <American>, a palavra teria apagada a mancha de português que a suja, se livraria da inscrição clandestina da regra que obriga a acentuação gráfica de toda palavra proparoxítona, inexistente entre as convenções ortográficas do inglês. Essa mistura causa náusea também aos americanófobos, nacionalistas da esquerda, como o autor do Projeto no. 1676/1999, que, em nome da soberania e identidade nacional, pretendia opor resistência e estancar o fluxo caudaloso de entrada do inglês no português.

Uns e outros não são capazes de ver aí o movimento de uma dialética sincrética em que o inglês não se apossa e nem mata o português (ou qualquer outra língua) ou vice e versa, mas mantém a plurivocalidade. Não é preciso que nenhum deputado bem intencionado defenda o português da invasão do inglês, o português mesmo dele se defende, tingindo-o com as suas cores, com os seus sotaques. Como afirma Canevacci (1996, p. 21-25), “o sincretismo é glocal. É um território marcado pelas travessias entre correntes opostas e freqüentemente mescladas, com diversas temperaturas, salinidades, cores e sabores”. A palavra glocal, resultante da mistura entre global e local, foi cunhada para captar a complexidade dos processos atuais de mutação cultural como algo que não pode ser reduzido à homologação globalizante. “O sincretismo é o resultado de um contato intercultural e interlingüístico, por isso é ubíquo, pidgin, crioulo: é um contágio, um vírus”. O processo de globalização não é “simplesmente aquele em que as culturas indígenas são modernizadas, mas também aquele em que a modernidade se indigeniza” (Vazantkumar, apud Canevacci, 1996).

Encerro esta reflexão, pondo-me à escuta das palavras do jornalista indiano Khushwant Singh, citadas por Rajagopalan (no prelo):

I am entirely in favour of making English an Indian language on our terms. Maul it, misuse it, mangle it out of shape but make it our own *bhasha*. The English may not recognise it as their language; they can stew in their own juice. It is not their *baap ki jaidaad* — ancestral property. (Singh, 2001, p. 13)

#### BIBLIOGRAFIA

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

COX, Maria Inês Pagliarini e ASSIS-PETERSON, Ana Antônia. The notion of transglossia and the phenomenon of linguistic mestization in contemporary society. *Revista da ANPOLL*. No. 20, jan./jun., 2006, p. 131-151.

FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.

GARCEZ, Pedro M. e ZILLES, Ana Maria. Estrangeirismos – desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001, p. 15-36.

ORTIZ, Renato. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006, 214p.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Exposing young children to English as a foreign language. *Trabalhos de Linguística Aplicada*. No. 48 (2), Jul./Dez., 2009, p. 185-196.

\_\_\_\_\_. A língua inglesa: ontem, hoje e amanhã. *APLIEMT NewsLetter*. Cuiabá, MT. No. 13, 2007/2008.

\_\_\_\_\_. The English language, globalization and Latin America: possible lessons from the ‘Outer Circle’. Texto para ser publicado no livro *World Englishes and Globalization* (título provável), organizado por Tope Ominiyi e Mukul Saxena. Clevedon, USA: Multilingual Matters, s/d.

REBELO, Aldo. Projeto de Lei no. 1676/1999. In: FARACO, Carlos Alberto (org.). *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001, p. 177-185.

Singh, Khushwant. (2001). Making English an Indian language. *The Tribune*. (Oct. 21).

<http://www.tribuneindia.com/2001/20011020/windows/above.htm> (last accessed on 20<sup>th</sup> Jan. 2007), p. 01-18.

YAGUELLO, Marina. Não mexa com a minha língua. In: BAGNO, Marcos (org.). *Norma lingüística*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 279-283.



Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.



[Siga a @linguasagem no Twitter](#)  
o que é isso?